

SAIBA MAIS...

A estrada de pedra só existe porque tem uma comunidade que sempre zelou dela, e nesse saiba mais quero lhe contar um pouquinho sobre a história da comunidade de Gurunga. Iniciemos pelo nome Gurunga, que mantém relação com as características naturais do lugar, que é marcado por terras de cor avermelhada, com muitos morros, alagadiços e formigueiros (SOUZA,2011). Segundo os moradores e que foi se passando pela tradição oral, até os mais novos, o povoamento da região onde hoje é Gurunga, se iniciou com escravizados foragidos das fazendas próximas ao rio São Francisco e das fazendas locais também, como a dos Britos, Fernandes, Dantas, Cardosos e Siríaco (SOUZA,2011). A comunidade começou a se organizar em meados do ano de 1983, com a celebração da primeira missa no local, que ocorreu debaixo de uma árvore típica da região, a Quixaba. Nesse local se celebrou missas, casamentos, batizados, encontros da comunidade para discutir questões sobre os seus direitos sobre a terra, entre tantas outras ações. O fato é que a Quixaba, se tornou um símbolo e hoje é considerada como um patrimônio da comunidade de Gurunga, pois foi a sombra dessa árvore que tudo começou no que diz respeito a organização comunitária, em se ter lideranças empenhadas na busca de melhorias para todos. Gurunga foi reconhecida como remanescente de quilombo em julho de 2010, o que foi de extrema importância para o desenvolvimento da localidade, bem como para que eles pudessem usufruir de forma completa de seus direitos enquanto comunidade quilombola. Estima-se que na comunidade tenha uma média de 70 famílias que residem nesse território, mantendo as suas características enquanto comunidade tradicional, como as manifestações religiosas, como o reisado, as festas do padroeiro; o modo de vida, baseado na agricultura familiar, tendo o cultivo de milho, feijão, mandioca com maior destaque; as tradições orais, como a contação de “causos”, de lendas, a vivência em comunidade, enfatizando a ajuda mútua; e por último aqui destaco a relação com o território, eles tem seu jeito próprio de lidar com o meio em que estão inseridos, ainda utilizam dos seus saberes medicinais que são passados de geração em geração, bem como ainda buscam em seu território por plantas medicinais como o barbatimão. A comunidade registra a presença de pateiras que eram as responsáveis por trazer ao mundo as novas gerações, elas eram e ainda são referências fortíssimas para toda a comunidade, assim como as benzedadeiras. Os saberes dos mais velhos são a essência e a chave para a manutenção da tradição e cultura da comunidade, pois são eles que ensinam as gerações mais novas, sem eles não poderíamos ter tido acesso a tantas informações, a respeito da Estrada de Pedra, dos modo de vida e costumes da comunidade.

E falando nas antigas gerações, gostaria de apresentar o Sr. Josias, um simpático senhor de mais de 80 anos, que mesmo com sua idade avançada fez questão de abrir as portas de sua antiga e primeira casa para nos dá a possibilidade de conhecer como é uma casa construída a base de varas de madeira e barro e que são capazes de resistir a décadas, são as chamadas casas de pau-a-pique, mais conhecidas por casas de enchimento. Uma casa pequena para a nossa visão capitalista, mas que para ele, assim

como para a maioria das outras famílias da comunidade, comportava de 08 a mais pessoas. No interior da casa, temos sala, quarto, um espaço que seria a cozinha, e ainda nos deparamos com utensílios que foram utilizados pela família, como um candeeiro, alguns instrumentos utilizados para “bater” o algodão, no processo de tecelagem, algumas plantas de uso medicinal, os torrões do antigo fogão, além dos restos de uma antiga cama, de construção rústica a base de vara de madeira. Como sendo um anexo a casa, pois não tem um acesso direto ao interior da casa, tem um espaço onde se mantém até hoje guardado um antigo carro de boi. Além de conhecer a casa, ele também nos relatou, mesmo com sua voz tão baixinha, que sua esposa tinha um tear que ficava na lateral da casa, porém quando ela parou de fiar, o tear foi desmontado. Colher o algodão e tratá-lo até a obtenção da linha, usada para tecer mantas e roupas era uma das tarefas mais difundidas na comunidade, atualmente, de acordo com os relatos das mulheres que nos acompanharam na visita, essa já não é mais uma atividade que foi ensinada as novas gerações.

A comunidade é riquíssima em saberes, tradições, seu modo de vida é instigante, as pessoas são calorosas e se mostram dispostas a nos mostrar seu modo de viver, o que eles sabem e quem lhes ensinou. Os maiores conhecimentos, as melhores tecnologias estão nas comunidades tradicionais, é lamentável que não sabemos usufruir disso, não conseguimos aprender com elas. Esse trabalho também tem o viés de mostrar à população que as comunidades tradicionais dos nosso território, do Alto Sertão Baiano, tem muito a nos oferecer, devemos nos manter em alerta, buscar junto a essas comunidades preservá-las ao máximo dos grandes empreendimentos, como a das energias renováveis, que tem como um de seus impactos no meio ambiente, justamente a modificação do modo de vida das comunidades, bem como o seu aspecto, abrem-se estradas, desmantam, instalam-se milhares de postes, são colocados emaranhados de fios, que muda a visão do território dessas comunidades. Preservemos as nossas comunidades tradicionais!

ACERVO DE IMAGENS

Imagens 9 e 10 são fotografias da casa de pau-a-pique, ou casa de enchimento do Sr. Josias.

Imagens 11, 12, 13, 14, 15 são fotografias do interior da casa do Sr. Josias, onde temos, um arco usado para bater o algodão, uma máquina de fiar, a estrutura das paredes da casa, uma garrafinha com alguma erva medicinal, Sr. Josias ao lado do nosso colega de curso em uma conversa, uma cama que foi utilizada pela família do senhor Josias, feita de varas, respectivamente.

Imagens 16, 17 são fotografias da árvore símbolo da comunidade, a Quixaba, na primeira temos um registro do ano de 1982, com a celebração da primeira missa na comunidade, a

foto seguinte é do grupo do curso "Introdução a arqueologia no Alto Sertão", debaixo da mesma árvore da imagem 16.

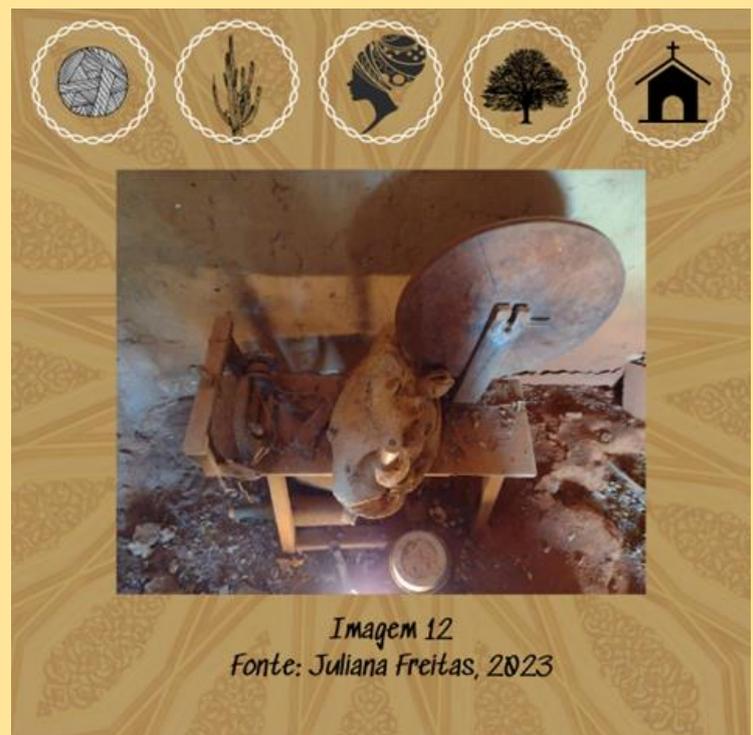
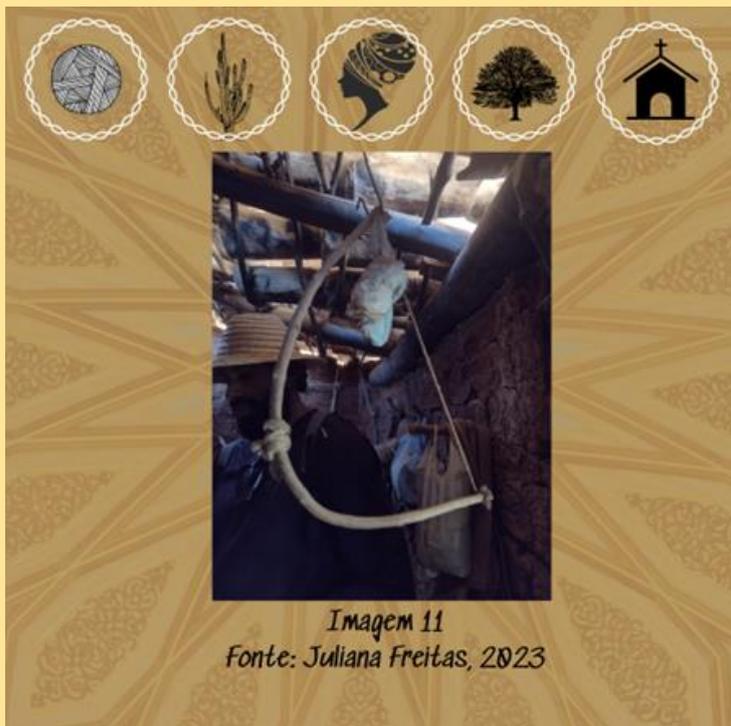
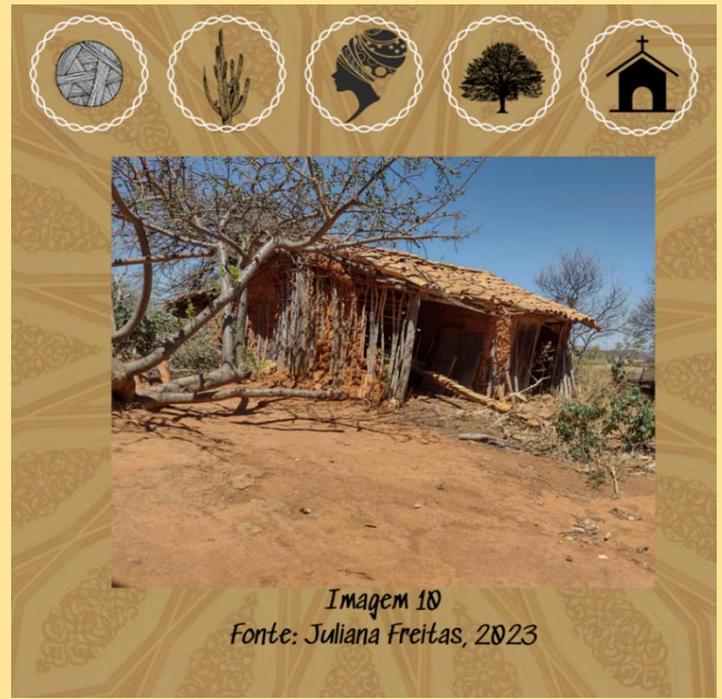
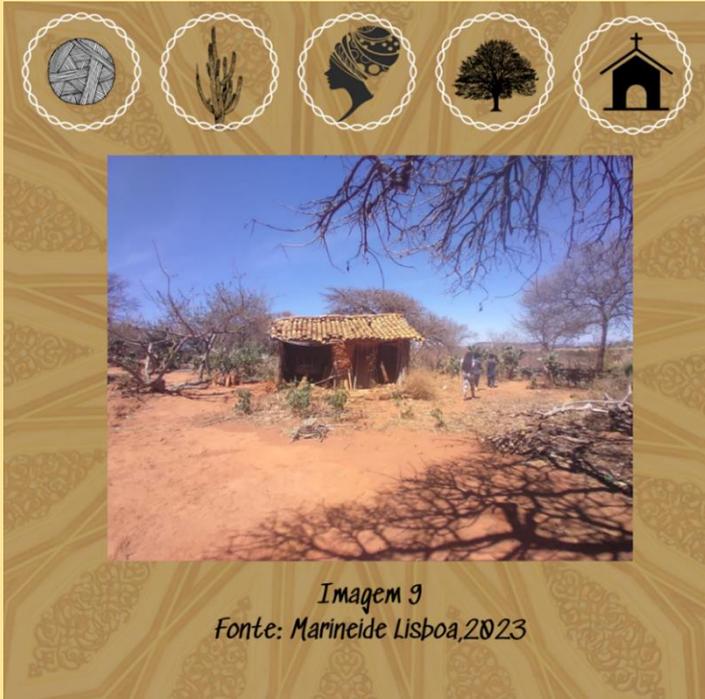




Imagem 13
Fonte: Juliana Freitas, 2023



Imagem 14
Fonte: Juliana Freitas, 2023



Imagem 14
Fonte: Lucas Oliveira, 2023



Imagem 15
Fonte: Marineide Lisboa, 2023

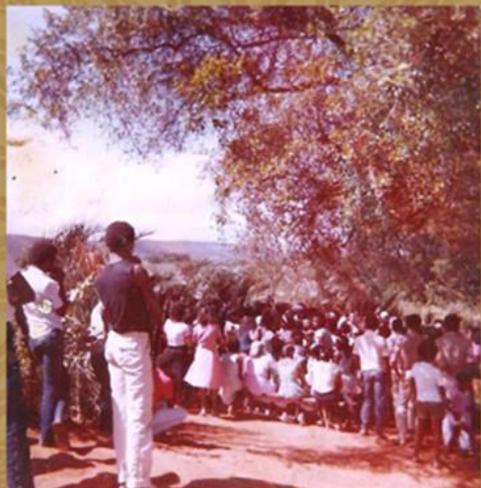


Imagem 16
Fonte: Arquivo da comunidade, 1982



Imagem 17
Fonte: Juliana Freitas, 2023

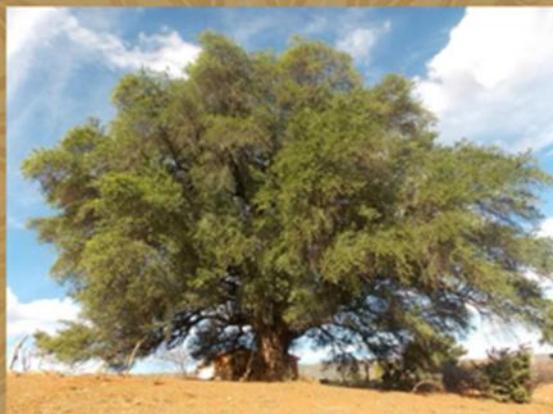


Imagem 15
Fonte: Roseli Souza, 2019